

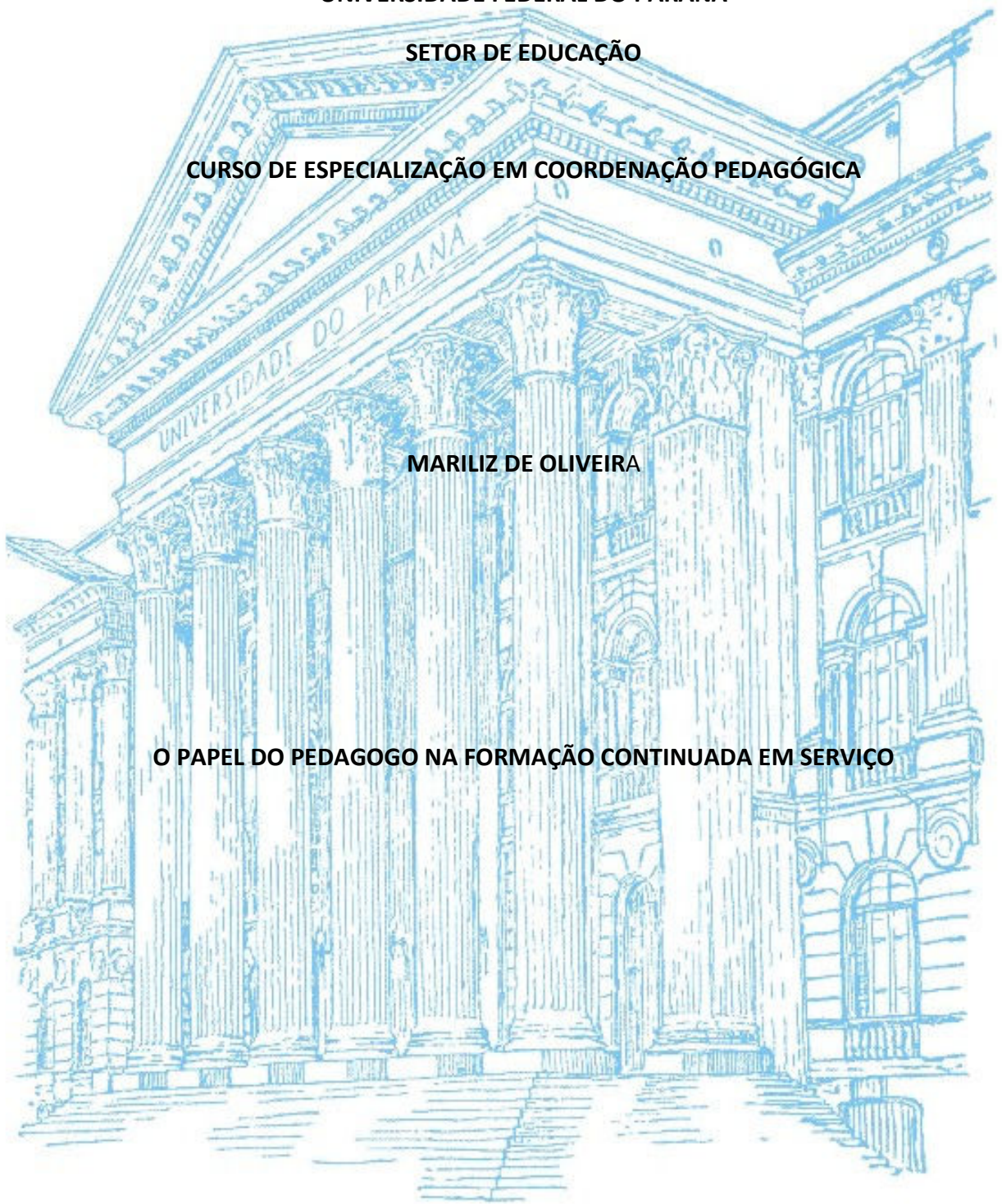
**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**SETOR DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

**MARILIZ DE OLIVEIRA**

**O PAPEL DO PEDAGOGO NA FORMAÇÃO CONTINUADA EM SERVIÇO**



**CURITIBA**

**2014**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA**

**MARILIZ DE OLIVEIRA**

**O PAPEL DO PEDAGOGO NA FORMAÇÃO CONTINUADA EM SERVIÇO**

Trabalho apresentado como requisito à obtenção do grau de especialista no Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Nádja Artigas

**CURITIBA**

**2014**

## O PAPEL DO PEDAGOGO NA FORMAÇÃO CONTINUADA EM SERVIÇO<sup>1</sup>

Mariliz de Oliveira

### RESUMO

Sabe-se que atualmente o pedagogo desenvolve em sua rotina diversas tarefas, muitas delas burocráticas, não conseguindo, na maioria das vezes, realizar o acompanhamento pedagógico e promover a formação em serviço com os professores nos horários de permanência. Ao analisar a rotina diária dos pedagogos de uma Escola Municipal de Curitiba, diagnosticou-se qual é o seu real papel frente à formação continuada em serviço e a razão desta função não acontecer nos momentos de permanência. Através de relatos dos pedagogos, obtidos através de um estudo exploratório, constata-se que ainda há muito que se avançar no que diz respeito ao papel do pedagogo na formação continuada em serviço. Ela é primordial para a práxis pedagógica, enquanto articulação entre teoria e prática e cabe a este profissional, organizar sua rotina e assumir esta função. Também reforça a importância da equipe diretiva atuar juntamente ao setor pedagógico para garantir os momentos de formação profissional no ambiente escolar. Para finalizar sugere novas organizações na rotina do pedagogo, que certamente contribuirão para os momentos de estudo e formação profissional. Toda a análise apresentada, objetiva única e exclusivamente o aprimoramento da prática pedagógica, porém sob o viés do papel do pedagogo na formação continuada em serviço, almejando efetivar a práxis pedagógica.

Palavras-chave: Pedagogo, Formação Continuada em serviço, Prática Pedagógica.

### INTRODUÇÃO

Um dos profissionais essenciais para a organização do trabalho pedagógico da escola, dentro de todas as especificidades que ela apresenta, é o pedagogo. Sua demanda de trabalho é extensa e a ele compete coordenar todas as ações do processo ensino-aprendizagem.

Este artigo, particularmente, se debruça em investigar qual é o real papel dos pedagogos de Escolas Municipais frente à formação continuada em serviço, entendendo que esta é uma das atribuições correlatas da sua rotina e, de que maneira ela ocorre no cotidiano escolar.

Diariamente na dinâmica escolar ocorrem diversas situações já previstas e outras inesperadas. No que se refere ao papel do pedagogo, observou-se em uma

---

<sup>1</sup> Artigo produzido pela aluna Mariliz de Oliveira do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, na modalidade EaD, pela Universidade Federal do Paraná, sob orientação da professora Nádia Artigas. E-mail: flordelizm@hotmail.com

determinada escola da Rede Municipal de Curitiba, que as situações inesperadas se sobrepõem às situações previstas, sendo que o pedagogo não consegue cumprir sua rotina estabelecida de trabalho, devido à demanda que se apresenta ao setor pedagógico, comprometendo assim o momento de formação em serviço dos professores nas permanências, nas horas atividades, em momentos de estudo e na própria observação da prática educativa desenvolvida nas salas de aula.

É constante a queixa dos pedagogos desta Escola Municipal, no que diz respeito ao acompanhamento do trabalho do professor, pois sempre estão atendendo situações não planejadas, não podendo assim estar junto com o professor e pensar na organização do encaminhamento metodológico e em estratégias diferenciadas para melhor trabalhar com as diversidades da sala de aula.

Ao observar e analisar a rotina do setor pedagógico verifica-se que, realmente há muita demanda de trabalho para os pedagogos. Alunos que apresentam algum tipo de mal-estar (como dor de barriga, dor de cabeça, dor de garganta, dor de dente), brigas ocasionadas do recreio ou até mesmo de dentro da sala de aula, alunos indisciplinados, vendedores e expositores de eventos, pais que comparecem à escola sem serem chamados e necessitam fazer reclamações, entre outras situações que tomam uma grande parte do tempo deste profissional e, na maioria das vezes, ocupam o espaço em que deveria estar acompanhando o professor, seu planejamento e sugerindo novas estratégias de trabalho.

Dessa maneira, o pedagogo não acompanha o professor no momento do seu planejamento, como também não tem condições de se planejar para um momento de estudo nas permanências. Assim a formação continuada realizada pelo professor acaba sendo apenas aquela ofertada pelo Município e Governo Federal, não tendo, portanto, uma reflexão da formação em serviço voltada para a prática diária.

A formação continuada, portanto acaba sendo uma prática solitária e o pedagogo não faz a relação destes conhecimentos adquiridos com a prática educativa do professor, na formação em serviço.

Portanto, este artigo tem como objetivo analisar a rotina diária dos pedagogos de uma Escola Municipal de Curitiba e diagnosticar os momentos destinados para a formação continuada em serviço, compreendendo que esta é uma de suas atribuições.

De acordo com o estabelecido pela LDB 9394/96, (art. 67, § 76) o exercício da docência, da direção de unidade escolar e da coordenação e assessoramento pedagógico são consideradas funções do Magistério.

Sabe-se que no ano de 2001 a Prefeitura Municipal de Curitiba homologou a lei número 10.190/2001 para implementar uma nova política no que se refere a atuação dos pedagogos (enquanto profissionais do Magistério), tendo para tanto substituído a lei número 6765/1985 do Plano de Cargos e Carreiras do Magistério Público Municipal (PCCMPM). Tal regulamentação estabelece que o pedagogo para trabalhar como profissional responsável pela orientação, supervisão e gestão escolar deve anteriormente e prioritariamente atuar como professor na própria RME. Além disso, convergem-se as funções do orientador, supervisor, coordenador, gestor escolar no papel do Suporte Técnico Pedagógico. (SCHNEIDER, 2006, p. 1794)

Dessa maneira o pedagogo tem compreensão do processo ensino-aprendizagem e as relações existentes na prática educativa, exercendo sua função após ter vivenciado, como professor, a prática da sala de aula.

Conforme o Decreto nº 762 de julho de 2001 que regulamenta as atividades do Pedagogo do Município de Curitiba, enquanto profissional da carreira do Magistério Público, são suas atribuições básicas:

Articular as ações pedagógicas na escola, na relação escola x família e escola x comunidade. Orientar e assessorar as equipes das unidades, aprimorando o processo ensino-aprendizagem, com vistas à permanente melhoria da qualidade de ensino. Assessorar as equipes da escola, nos processos de gestão implementando as políticas educacionais e as contidas no projeto. (CURITIBA, 2001)

E no detalhamento de suas tarefas típicas, encontram-se algumas como:

Propor, acompanhar e avaliar, a aplicação de projetos pedagógicos, junto ao corpo docente, objetivando a melhoria do processo educativo. Assessorar, orientar e acompanhar o corpo docente em suas atividades de planejamento, docência e avaliação, otimizando a hora-atividade. Propor alternativas e fornecer subsídios que possibilitem a atualização e o aperfeiçoamento constante do corpo docente e do processo educativo. Desempenhar outras atividades correlatas. (CURITIBA, 2001)

Fica claro, portanto, que o pedagogo necessita ter compreensão do processo educativo e contribuir através da formação em serviço para a sua qualidade.

Para a Secretaria Municipal de Educação do Município de Curitiba, conforme o apresentado no Caderno de Subsídios à Organização do Trabalho Pedagógico nas

Escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba é papel do pedagogo a formação continuada em serviço e algumas de suas atribuições nesta função são:

Planejar o processo de formação continuada dos professores, promovendo ações para sua efetivação nas diferentes situações (permanências, reuniões pedagógicas, Conselhos de Classe, SEP, cursos, grupos de estudo, projeto Escola & Universidade etc.). Subsidiar a reflexão dos professores no desenvolvimento de suas atividades. Promover momentos de estudo, trocas de experiência e partilha dos conhecimentos adquiridos nos cursos de formação realizados pelos professores e demais profissionais, contribuindo com encaminhamentos metodológicos, procedimentos avaliativos, sugestões de leitura, articulados à concepção filosófico-pedagógica da instituição. Organizar e coordenar as reuniões pedagógicas da unidade escolar, selecionando temas relativos ao trabalho didático-pedagógico, visando ao estudo, análise e aperfeiçoamento das práticas docentes. (CURITIBA, 2012, p. 74)

Para a Rede Municipal de Ensino de Curitiba, o pedagogo é sem dúvida um profissional mediador, articulador e transformador do trabalho da escola, obtendo ele diversas atribuições diárias e todas com a necessidade de muita reflexão sobre a rotina escolar. Pode-se, então, considerar que este profissional é observador, articulador e gestor da prática pedagógica, uma vez que:

[...] o pedagogo responde pela mediação, organização, integração e articulação do trabalho pedagógico. Portanto, sugere a própria compreensão de que ser pedagogo significa ter o domínio sistemático e intencional das formas (métodos) através dos quais se deve realizar o processo de formação cultural. Assim, se a pedagogia estuda as práticas educativas tendo em vista explicitar finalidades, objetivos sociopolíticos e formas de intervenção pedagógica para a educação, o pedagógico, se expressa, justamente, na intencionalidade e no direcionamento dessa ação. (TAQUES, 2007, p. 7)

Reafirmando o seu papel na formação continuada em serviço, entende-se que “PEDAGOGO é o profissional da educação que se converte em formador de homens, em diferentes espaços de educação e diferentes práticas educativas, de forma crítica, criativa e transformadora.” (FEIGES, 2007)

Portanto, não há dúvidas de que o pedagogo exerce o papel de formador em serviço, suas ações sempre são voltadas para o processo ensino-aprendizagem e a superação de barreiras existentes nesse processo.

Diante do processo do planejamento escolar, destacamos, mais uma vez, o papel do pedagogo nas escolas, mostrando o quanto a atuação desse profissional é fundamental para a promoção da qualidade no ensino. Para a

promoção dessa qualidade, temos que os pedagogos devem ser conhecedores das dinâmicas que acontecem nas salas de aula, pontuando questões que precisam ser retomadas, auxiliando na articulação do planejamento ao conteúdo e ao nível de conhecimento dos estudantes (...) contribuindo, assim, com sugestões enriquecedoras para o trabalho dos docentes. A responsabilidade dos pedagogos é decisiva, pois, muitas vezes, para a percepção de problemas, esse profissional deve fazer-se atuante junto ao professor, interagindo, inclusive, na própria sala de aula. (MESQUIDA, 2011, p. 5)

Entretanto, como pode este profissional realizar a formação em serviço se a dinâmica diária da escola produz tantas tarefas ao pedagogo que ele deixa de acompanhar o trabalho docente no momento da permanência e não tem condições de observar a realidade da sala de aula.

[...] todas as atividades (a matrícula, os horários, a organização das turmas, o planejamento, a relação com as famílias e a comunidade, a limpeza da escola) facilitam ou dificultam a aprendizagem dos alunos, portanto, nada é meramente pedagógico. Porém, acreditamos que atividades de caráter operacional, não devem ser incorporadas à prática da liderança pedagógica da escola, pois, com certeza, tais atividades impedem o coordenador de pensar estrategicamente o trabalho pedagógico. Além disso, desqualificam o *cargo ou função* do coordenador, não criando sua identidade no espaço escolar. (SANTOS, 2007, p. 7)

O que este artigo apresenta, a partir da realidade dos pedagogos de uma Escola Municipal de Curitiba, é de que maneira a formação em serviço vem ocorrendo e como o pedagogo está organizado para realizá-la. Dentro de um recorte específico é possível perceber os elementos que interferem no perfil de formador do pedagogo e os fatores que impedem os momentos de estudo, reflexão e embasamento da prática educativa.

## REVISÃO DE LITERATURA

O pedagogo desempenha diversas atividades no uso de suas atribuições. De acordo com o Projeto de Lei da Câmara que regulamenta sobre o exercício do pedagogo, podemos verificar algumas de suas funções:

Art. 2º Ao profissional da Pedagogia é facultado o exercício das seguintes atividades:

I - elaborar, planejar, implementar, coordenar, acompanhar, supervisionar e avaliar estudos, planos, programas e projetos atinentes aos processos educativos escolares e não escolares, à gestão educacional no âmbito dos sistemas de ensino e de empresas de qualquer setor econômico e à formulação de políticas públicas na área da educação;

II - desempenhar, nos sistemas de ensino, as funções de suporte pedagógico à docência, aí incluídos a administração, o planejamento, a inspeção, a supervisão e a orientação educacional. (PLC nº 196 de 2009)

Segundo o texto, o pedagogo é visto como um profissional articulado com os mais diferentes processos educativos, escolares ou não, servindo como suporte à dinâmica escolar e/ou pedagógica. Outras referências, apresentam a definição do papel do pedagogo na escola, como profissional articulador, mediador e formador.

[...] o pedagogo responde pela mediação, organização, integração e articulação do trabalho pedagógico. Portanto, sugere a própria compreensão de que ser pedagogo significa ter o domínio sistemático e intencional das formas (métodos) através dos quais se deve realizar o processo de formação cultural. Assim, se a pedagogia estuda as práticas educativas tendo em vista explicitar finalidades, objetivos sociopolíticos e formas de intervenção pedagógica para a educação, o pedagógico, se expressa, justamente, na intencionalidade e no direcionamento dessa ação. (TAQUES, 2007, p. 7)

Com esse olhar, busca-se cada vez mais um pedagogo que, além dos procedimentos técnicos da função, seja um coordenador do processo ensino-aprendizagem trazendo para os momentos coletivos e individuais conhecimentos específicos e essenciais para o aprimoramento da prática.

Diante do processo do planejamento escolar, destacamos, mais uma vez, o papel do pedagogo nas escolas, mostrando o quanto a atuação desse profissional é fundamental para a promoção da qualidade no ensino. Para a promoção dessa qualidade, temos que os pedagogos devem ser conhecedores das dinâmicas que acontecem nas salas de aula, pontuando questões que precisam ser retomadas, auxiliando na articulação do planejamento ao conteúdo e ao nível de conhecimento dos estudantes (...) contribuindo, assim, com sugestões enriquecedoras para o trabalho dos docentes. A responsabilidade dos pedagogos é decisiva, pois, muitas vezes, para a percepção de problemas, esse profissional deve fazer-se atuante junto ao professor, interagindo, inclusive, na própria sala de aula. (MESQUIDA, 2011, p. 5)

No interior da escola, não cabe mais o pedagogo tarefeiro, ao contrário, esse profissional é cada vez mais visto como o articulador de todas as ações da escola, pois sendo ela um espaço educativo, seu teor é certamente pedagógico. E assim exige-se mais habilidades do pedagogo para exercer sua função, sendo uma delas a formação continuada em serviço.

O trabalho do pedagogo, como conhecedor das estratégias metodológicas de ensino é justamente o planejamento das aulas junto ao professor, de maneira a levá-lo a buscar a melhor forma de apresentar determinado



conteúdo ao aluno, garantindo a aprendizagem efetiva. [...] O pedagogo e professor na hora atividade necessitam planejar as atividades que serão realizadas na sala de aula com os alunos, de forma a garantir que o processo de ensino aprendizagem possa atingir a todos, através da apropriação do conhecimento sistematizado. (HADDAD, 2011, p. 121)

Diversos são os momentos de formação dos professores, através de cursos ofertados pelo Governo Federal e Município, entretanto é no interior da escola que essa formação necessita de complemento, relacionando os conhecimentos teóricos com a prática educativa.

Podemos aqui citar alguns dos espaços já existentes na escola e que podem ou não colaborar para a qualificação dos professores: as reuniões pedagógicas, os conselhos de classe, o Conselho de Escola, o processo de elaboração do Projeto Político Pedagógico, a hora-atividade ou horário de permanência. E, defendemos que a maior ou menor interferência destes espaços na qualificação docente, está intimamente relacionada à sistematicidade e intencionalidade com que tais espaços são organizados. Portanto, há a possibilidade de que, no interior da escola, o processo de reflexão sobre a prática não se limite aos muros escolares, ao cotidiano imediato, mas, a partir daí, busque-se a clareza “teórico-epistemológica” dos elementos que definem a prática (o que se ensina, como se ensina e por que se ensina), sendo possível falar então em práxis pedagógica: a prática didática do professor pensada, fundamentada e planejada intencionalmente e com objetiva direção contra-hegemônica. (SOARES, 2007, p. 24)

Pode-se perceber que apenas o planejamento das aulas não é suficiente para garantir uma aprendizagem adequada aos estudantes. O professor necessita ir além dos conhecimentos práticos, consolidando e aprofundando os saberes pedagógicos para efetivar a práxis pedagógica.

Nesse momento entra o papel do pedagogo, pois ele é o profissional que instiga o professor e articula a sua prática didática aos conhecimentos necessários para a superação do senso comum, da mera “transmissão de conteúdos”, garantindo a aprendizagem efetiva.

O pedagogo poderá selecionar materiais de estudo que promovam o conhecimento teórico do professor e que lhe possibilitem uma escolha adequada da metodologia de trabalho que irá utilizar em sala de aula, possibilitando que a aprendizagem ocorra entre seus alunos. Desta forma, o planejamento do ensino necessita ser constantemente retomado na hora atividade de maneira a priorizar as discussões e a busca de alternativas entre pedagogo e professor sobre problemas do processo de ensino aprendizagem. Neste sentido, através da formação continuada na hora atividade, o professor irá adquirindo clareza conceitual sobre as tendências pedagógicas e diferentes concepções sobre o processo do ensino aprendizagem de forma a realizar uma opção consciente sobre a direção que dará ao seu trabalho em sala de aula. Além disto, o pedagogo, na hora

atividade do professor poderá estar propondo ações que promovam o aprimoramento do trabalho pedagógico. (HADDAD, 2011, p 125)

Dentro do tema um novo desafio se põe frente à formação continuada em serviço, realizada pelo pedagogo na escola. Primeiramente, porque a formação continuada realizada pelos Estados, Municípios e Instituições de Ensino Superior são deficitárias e muitas vezes não apresentam uma qualificação adequada na formação do exercício profissional.

Nos últimos anos, pressionados pelo prazo definido nas disposições transitórias da LDB (art. 87, § 4º) para a formação em nível superior, os profissionais da educação já em exercício sem essa formação, sentindo a ameaça do desemprego, foram levados a frequentar cursos de formação em serviço de qualidade duvidosa e, em grande parte, pagos por eles próprios. Tais cursos são, em geral, uma demanda das prefeituras que os terceirizam ou “contratam” as IES. Nos últimos anos, tais iniciativas proliferaram abusivamente. [...] De fato, pode-se afirmar que todo esse processo configura um precário mecanismo de certificação e/ou diplomação e não qualificação e formação docente para o aprimoramento das condições do exercício profissional. (ANFOPE, 2004, p. 29)

Outra questão é que cada vez mais percebe-se que o fracasso escolar dos estudantes está mais pautado na falta de preparo do professor para ensinar, do que dos alunos para aprender. A formação inicial e continuada dos professores é insuficiente para a sua prática.

A discussão pelo entendimento de formação continuada é feita pela ANFOPE desde 1990, que defendia o desenvolvimento de ações cooperativas de educação continuada para o processo de formação e profissionalização atual, objetivando a aproximação das Universidades com as Escolas de Educação Básica.

Caberia, portanto, às Universidades e aos governos ofertarem cursos de formação continuada aos professores para o aprimoramento da prática.

No entanto, é crescente o número de profissionais que não apresentam as competências básicas para o exercício da profissão. Desconhecem métodos, técnicas, pouco sabem sobre processos avaliativos, se apavoram ao constatar a diversidade de níveis de aprendizagem que se apresentam na sala de aula e possuem pouca compreensão sobre a formação social e intelectual dos estudantes.

Soares apresenta muito bem em seu artigo, a preocupação com o esvaziamento teórico metodológico dos programas de formação ofertados, onde o fazer pedagógico se sobrepõe ao saber pedagógico, sendo que ambos necessitam

estar embricados na prática pedagógica, aí o papel do pedagogo é fundamental, pois é ele que traz essa discussão no interior da escola e dá condições para o professor *saber e fazer*.

Há atualmente, ao que parece, nas políticas voltadas à formação continuada dos professores e na literatura que possivelmente as esteja sustentando, o agravamento da dicotomia da relação saber/fazer, já que o pólo do “fazer” tem se descolado da necessidade do “saber”. Há a ênfase nos programas de formação continuada dos professores, nas atividades, nos encaminhamentos, sem que haja necessariamente a discussão acerca do conhecimento que os fundamenta. E, na medida em que isto ocorre, parece haver também o esvaziamento da possibilidade contra-hegemônica, pois a fragilidade da formação continuada dos professores parece colaborar para que no interior da escola cada vez menos seja preocupação a questão do conhecimento, a questão da unidade teoria-prática. (SOARES, 2007, p. 24)

Nesse sentido o pedagogo torna-se o profissional articulador, mediador da prática, como referendado no início deste artigo, pois é o sujeito responsável por fazer a ligação entre os conhecimentos práticos e teóricos (apreendidos anteriormente) e que sustentam a base de todo o trabalho escolar: o processo ensino e aprendizagem.

[...] o trabalhador se educa no e a partir do seu processo de trabalho, com apoio da formação teórica adquirido nos cursos de formação inicial e continuada, mas é no trabalho, e através das relações estabelecidas a partir dele, que se constroem as competências profissionais, pela articulação entre conhecimento e intervenção. (KUENZER, 2002, p. 301)

Nesse contexto atual, o pedagogo é imprescindível no momento do planejamento do professor, cabendo a ele, através de documentos teóricos embasar a prática do mesmo, pensando sempre na qualidade das aulas e na garantia de aprendizagem de todos os estudantes.

Na pesquisa de Gabardo & Hagemeyer, sobre a formação docente continuada, as próprias autoras constataam que:

Os pedagogos e professores que superaram as resistências para contribuir com as suas escolas, falam de uma mudança em suas atitudes diante da insegurança como profissionais, o que identifica a possibilidade da mudança de *habitus* individual e coletivo nas escolas, assegurando a reflexão intelectual própria do trabalho pedagógico e que aí se configura como formação continuada. Vale ressaltar o depoimento de pedagogos e professores na possibilidade de pensar suas práticas com método, para poder intervir na escola com mais bagagem epistemológica e segurança nas suas falas e ações. (GABARDO & HAGEMEYER, 2010, p.110)

Não há dúvidas da importância da formação continuada na carreira do magistério e cada vez mais vemos programas governamentais que se lançam ao encontro da qualificação profissional. Mas esta formação necessita ter continuidade no interior da escola e nos processos teórico-metodológicos e a cada dia se torna mais necessária, cabendo então ao pedagogo exercer esse papel, essencial na formação continuada em serviço.

Contudo, como garantir esse momento no interior da escola, já que tantas são as atribuições desse profissional e o absorvem de tal maneira, que sequer ele consegue acompanhar o momento do planejamento do professor e fazer as interferências necessárias.

Somente observando sua rotina e retirando dela os elementos favoráveis ou não para a formação continuada em serviço é que o pedagogo poderá perceber a importância do seu papel de formador e consequentemente no aprimoramento da prática pedagógica, resultando sempre na qualidade do processo de ensino-aprendizagem, objetivo comum a todos os profissionais da educação.

## METODOLOGIA

Para fazer essa análise e investigar o papel do pedagogo na formação continuada em serviço foi preciso fazer um levantamento de todas as suas atribuições na dinâmica escolar.

Portanto, para realizar uma pesquisa qualitativa, que possibilite um acesso mais próximo com o problema, foi utilizado um estudo exploratório, pois permitiu uma reflexão crítica sobre os relatos apresentados, amparados por referências bibliográficas adequadas.

Numa pesquisa exploratória há um acesso mais próximo com o problema investigado, oferecendo informações sobre determinada temática, facilitando a delimitação de um assunto para estudo e contribui para aprofundar conceitos ainda preliminares, facilitando a construção de hipóteses. (...) Na maioria dos casos, assume a forma de pesquisa bibliográfica ou de estudo de caso, pois envolve: levantamento bibliográfico, entrevistas e análise de exemplos que possam contribuir na compreensão do problema. (UNIFEBE, 2011, p.8)

Dessa maneira, foi entregue aos pedagogos de uma determinada Escola Municipal de Curitiba, situada no bairro de Santa Felicidade, um trecho do texto de André e Vieira que retrata o período de trabalho de uma pedagoga e todas as atividades que ela desempenha, o recorte do texto foi uma atividade desenvolvida na sala ambiente de Realidade Escolar do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica, que abordava sobre o papel do pedagogo escolar.

Partindo da leitura do texto, os pedagogos deveriam responder a seguinte questão:

*“Descreva você também um dia de trabalho, buscando evidenciar as diferentes situações do cotidiano escolar e procure identificar os diversos saberes que precisou mobilizar para o exercício da função.”*

Através da pergunta, os pedagogos elencaram as atividades desenvolvidas num período de trabalho, com vistas à verificar a função que exercem no ambiente escolar e de que maneira contribuem para a formação continuada em serviço.

Participaram deste estudo, os quatro pedagogos atuantes na escola e aqui serão identificados como: P1 (pedagogo 1 manhã) P2 (pedagogo 2 manhã) P3 (pedagogo 3 tarde) P4 (pedagogo 4 tarde).

Dessa maneira obtiveram-se informações mais precisas e seguras que contribuíram para a reflexão sobre a função do pedagogo na escola e a maneira como ele organiza a rotina escolar para desenvolver a formação continuada em serviço.

## **ANÁLISE DOS DADOS**

Após ter o relato dos pedagogos em mãos, pode-se constatar que nenhum deles realiza a formação continuada em serviço dentro de uma rotina, ela acontece esporadicamente em alguns momentos, como Conselhos de Classe, Reuniões Pedagógicas, ou conversas informais por solicitação dos professores.

Todos eles têm como atividade principal o atendimentos aos alunos e secundariamente às famílias. Não há uma rotina formalizada, sendo que ela ocorre na medida que as demandas aparecem.

A permanência do professor é acompanhada pelo pedagogo caso não haja outras tarefas a serem realizadas, fica claro que esse momento de planejamento e



troca com o professor ainda não é prioridade na função do pedagogo, contrapondo o que foi embasado anteriormente, sobre o papel do pedagogo na formação continuada em serviço.

Abaixo segue o quadro das atividades exercidas pelos pedagogos, num período de trabalho, descritas no relato:

TABELA 1

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
1-Reorganização do horário dos professores (devido à faltas)
2-Atendimento aos pais / famílias
3-Leitura e envio de e-mails
4-Encaminhamento de materiais ao Núcleo Regional de Educação
5-Envio de atividades dos professores para o xerox
6-Atendimento às crianças (que se apresentam com mal estar)
7-Orientação aos estudantes (indisciplinados e que brigaram no recreio)
8-Organização do livro aviso (2x semana)
9-Escrita do projeto para crianças com dificuldade de aprendizagem
10-Atendimento à profissionais especializados que atendem alunos (fonoaudiólogos, psicólogos, psicopedagogos...)
11-Atualização das fichas dos estudantes
12-Conversa com professores para encaminhamentos de estudantes e/ou convocações de pais

FONTE: OLIVEIRA (2014)

Ainda apareceram em dois relatos distintos (P3 e P4), o preparo de avaliações trimestrais e a organização dos Conselhos de Classe.

Verifica-se que nenhum dos pedagogos pontuou o acompanhamento das permanências, a elaboração do planejamento ou a verificação das atividades em sala como atividade de sua rotina escolar. Mais ainda, foi unânime a ausência de momentos de estudo, mesmo que para embasar a própria prática.

Ao relatarem sobre os diversos saberes utilizados para o exercício da função, houve a contradição, pois todos os pedagogos pontuam que necessitam de conhecimentos técnicos, metodológicos e interpessoais.

Na tabela apresentada, a maioria das tarefas necessita de conhecimentos técnicos e interpessoais, porém os metodológicos que se referem ao momento de ensino e aprendizagem não foram citados.

Isso ocasiona uma dúvida: A formação continuada em serviço não é realizada pelo pedagogo da escola devido a demanda de suas tarefas, ou, este profissional ainda não tem o entendimento de ser, uma de suas atribuições, a formação em serviço.

Um dos pedagogos, ao ser questionado sobre os momentos de formação na escola pontua que:

*“Nossos professores saem frequentemente para os cursos ofertados pelo Núcleo, e quase todos estão fazendo o PNAIC. A formação que eles recebem do Município é muito rica.” (P3)*

Fica claro que o entendimento de formação continuada, para este pedagogo, é algo alheio à sua função, pois nem sequer ele faz o vínculo da formação recebida pelo professor com o cotidiano escolar. Entendendo que os conhecimentos recebidos irão dar conta de aprimorar a prática pedagógica diária.

Outro pedagogo relata que:

*“Nós temos que ser pesquisadores e motivadores, sempre estimulando os nossos professores a darem o seu melhor em sala e para todos os nossos alunos.” (P1)*

O pedagogo assume a tarefa de estimular o professor, mas o responsabiliza pelo processo ensino-aprendizagem, não deixando claro qual seria seu papel e nem de que forma ele pode contribuir para o sucesso dos alunos.

Sim, o pedagogo precisa estar estudando, planejando e verificando os melhores processos para o ensino dos conteúdos em sala, juntamente com o professor. Como abordado no início deste artigo, este profissional é articulador, mediador e tem como uma das funções a formação continuada em serviço. É ela que dá garantia de um ensino de qualidade para todos os estudantes, não podendo ficar esquecida pelo pedagogo.

Após um momento de Conselho de Classe, a P1 foi questionada sobre a melhor maneira de conduzir a discussão com os professores. O ideal seria pontuar estudante por estudante e seu rendimento, ou, falar do rendimento da turma como um todo, apresentando os estudantes que não avançaram e pensando coletivamente em estratégias para atingir o avanço de toda a turma. A mesma, afirma que:

*“Já vivi as duas experiências e digo com certeza que o Conselho de Classe com caráter formativo é bem melhor, porém foi preciso realizar o Conselho de Classe aluno por aluno pois ainda não havíamos sentado com os professores.” (P1)*

Mais uma vez, na fala do pedagogo, fica claro que a formação continuada em serviço não é vista como sua função, nem mesmo nos momentos em que ela é primordial, como num Conselho de Classe.

Assim, é importante que o setor pedagógico da escola, se reorganize, considerando que a formação continuada em serviço deve estar incluída em sua rotina.

Sugere-se abaixo, um quadro rotina, elaborado para auxiliar os pedagogos no desempenho de suas funções, evitando o acúmulo de tarefas e evitando a ausência deste profissional na permanência com o professor. O quadro foi criado com base na experiência vivida por uma pedagoga na organização de sua rotina diária para otimizar o tempo de atendimento aos seus professores nos momentos de permanência.

TABELA 2

	QUADRO ROTINA DO PEDAGOGO
08:00/0 9:30	Entrada – Organização de Horário – Atendimento aos pais
09:30/0 9:50	Documentação – Livro Aviso – E-mails – Ligações
09:50/1 0:10	Intervalo
10:10/1 1:20	Atendimento ao professor
11:20/1 2:00	Momento de estudo e planejamento

FONTE: OLIVEIRA (2014)

O quadro sugerido, serve para ajudar os pedagogos que são absorvidos diariamente pelas inúmeras tarefas que lhe são incumbidas, definindo basicamente suas atribuições diárias e abrindo espaço para a formação continuada em serviço.

Ao observar o quadro não veremos momentos para o atendimento aos alunos indisciplinados e/ou doentes, pois entende-se que esta função pode ser delegada para outro profissional da escola como um inspetor ou o próprio diretor.

Há uma certa maleabilidade nas atividades exercidas no início do turno , sendo que nem todos os dias elas serão realizadas, podendo intercalá-las no decorrer da semana, porém as duas últimas atividades ficam exclusivas para a formação em serviço, tanto do professor, quanto do pedagogo.

Essa organização precisa ocorrer na rotina do pedagogo, para depois então ele realizar sua tarefa de formação em serviço com qualidade. Enquanto o pedagogo não se organizar na sua rotina, ele continuará executando todas as tarefas que aparecerem e não terá clareza do que realmente deve ser feito.

As pedagogas da escola sempre tinham afazeres, pois havia grande procura dos alunos e dos professores que enviavam os alunos para resolverem pequenos problemas, como falta de uniforme, além da indisciplina e violência. Pudemos perceber um trabalho de parceria entre o diretor da escola e as pedagogas que se aliavam até mesmo para separar as brigas entre os adolescentes. No entanto esse fator pode acarretar o trabalho como insatisfatório por ficar restrito às emergências de indisciplina dos alunos. Essas atividades exercidas no cotidiano da maioria das escolas é referido por Vasconcellos (2007) como a parte negativa da atuação do pedagogo. A definição negativa do papel do pedagogo na escola, para esse autor, compreende uma falta de sentido e objetivo, na função deste profissional, que muitas vezes é visto como “bombeiro” que deve apagar os “focos de incêndio” dentro da escola, agindo como “quebra galhos” que desempenha várias funções paralelas, como substituir um professor que faltou, separar briga de aluno, preencher papelada, entre outros. (PAVÃO & LEITE, 2011, p. 173)

O trecho do texto faz uma crítica sobre o atual perfil do pedagogo na gestão escolar, profissional tarefeiro, visto também no relato dos pedagogos, que elencaram diversas atividades em sua rotina e não incluíram a formação em serviço.

A própria citação aponta uma estratégia de trabalho que possibilita a diminuição de tarefas para o pedagogo e abre espaço para o momento de estudo e reflexão da prática pedagógica cotidiana: a parceria entre direção e setor pedagógico.

É de extrema importância que a direção da escola assuma também a responsabilidade pela indisciplina dos alunos e auxilie professores e pedagogos na sensibilização e orientação quanto ao papel do estudante no ambiente escolar, garantindo portanto, as condições para que os momentos de formação continuada em serviço ocorram.

Caberia então, à equipe diretiva da escola (pedagogos e direção) sistematizar o plano de qualificação docente, submeter à discussão e apreciação do grupo, buscar os meios para que se efetive (meios esses

determinados pelas condições concretas que a materialidade impõe). Tal plano pode ser desenvolvido a partir da seleção de textos para estudo nas horas-atividades ou em reuniões pedagógicas, trazendo pessoas (professores de outras escolas ou de universidades, por exemplo) que possam contribuir fundamentando teórica e praticamente a discussão sobre o assunto, buscar a participação em cursos e eventos na área, solicitar o apoio necessário à mantenedora, etc. Este movimento na direção da qualificação dos professores pode possibilitar efetivamente que a catarse se dê, ou que sejam incorporados os instrumentos culturais como elementos ativos de transformação social, propiciando que se retorne à própria prática social (de onde, na verdade, jamais se saiu efetivamente – houve sim, se é possível dizer, um distanciamento para olhá-la com maior profundidade). Neste sentido, o professor estaria (re)tornando à sala de aula, à sua prática cotidiana, agora alimentado pelo saber que lhe possibilita melhor compreender a sua ação didática e, portanto, com a possibilidade de transformá-la qualitativamente. (SOARES, 2007, p 26)

Mas de nada adianta o pedagogo estabelecer uma rotina de trabalho, a direção atuar juntamente com o setor pedagógico nas questões de indisciplina, serem delegadas tarefas a outros profissionais e o pedagogo continuar não tendo o entendimento de que seu papel junto ao professor é o de formador. E aqui não é a referência de formador no sentido de responsável pela transmissão de conteúdos necessários à prática docente, mas sim formador no sentido de questionador, interventor, articulador e conhecedor dos processos pedagógicos.

Cabe à equipe pedagógica da escola a sistematização e integração do trabalho, partindo do princípio de que o pedagogo é um professor mais experiente e mais informado, que orienta outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional. Para tanto, o pedagogo não deve perder de vista sua função enquanto educador e como tal deve estar no combate a tudo aquilo que desumaniza a escola: a reprodução da ideologia dominante, o autoritarismo, o conhecimento desvinculado da realidade, a evasão, a lógica classificatória e excludente (repetência ou aprovação sem apropriação do saber), a discriminação social e da escola, dentre outros. Deve trabalhar em parceria com os professores, discutindo com eles os problemas e buscando soluções, conhecendo as crianças com suas especificidades. (PAVÃO & LEITE, 2011, p. 174)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidenciou-se neste estudo que a formação continuada em serviço deve ocorrer no interior da escola em diversos momentos, inclusive nas permanências dos professores. Reuniões pedagógicas, Conselhos de Classe, Consultas frequentes ao Projeto Político da Escola são bons momentos para a formação.



Entretanto, é no dia a dia do professor com os estudantes, no momento do planejamento das ações didáticas desenvolvidas em sala e na avaliação dos resultados apresentados que o pedagogo também deve exercer o papel de formador, pois caso isso não ocorra, de nada adiantará a prática pedagógica, pois não terá reflexão e embasamento teórico, sendo meramente uma prática mecânica e reprodutiva.

E esse não deve ser o papel, nem do professor, nem do pedagogo e muito menos da escola.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a própria prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. (FREIRE, 2011, p. 40)

Exercer a práxis, nos momentos de formação deve ser o objetivo principal do pedagogo na formação continuada em serviço.

A práxis, no sentido defendido por Vázquez (2007), representa uma atividade material e transformadora, por representar movimento e articulação entre teoria e prática, no sentido de que a teoria por si só não pode ser concebida como práxis, pois a ela não corresponde uma prática de verificação de sua validade ou não, bem como uma prática sem fundamento teórico, é uma prática vazia de significado, e não poderá contribuir para o avanço do conhecimento. A práxis, dentro da concepção adotada, só pode ser assim concebida, quando uma teoria embasa a prática e encontra nesta prática elementos que possibilitem o reestruturar-se constantemente para voltar à prática e promover transformações efetivas sobre a realidade. Uma prática repleta de necessidades contribui para que a teoria se desenvolva cada vez mais. (GIARETTON, 2013, p. 15448)

Portanto, para que o pedagogo assuma verdadeiramente sua função de formador em serviço e propicie a práxis, talvez necessite também de formações específicas. Fica a sugestão para que a Secretaria Municipal e Estadual de Educação organize momentos de trocas de experiências, estudos, análises de práticas e consultas à documentos específicos ao exercício profissional do pedagogo, pois esses são pouco frequentes no Município de Curitiba.

Para que o pedagogo tenha condições de realizar esta tarefa, também necessita de formação e mais, esta precisa validar sua identidade de formador, pois como constatado nos relatos este profissional não se reconhece nesta condição.

O pedagogo deve ter bastante clareza dos aspectos que norteiam a condução do seu trabalho junto aos docentes. O domínio desses saberes garante aos profissionais da escola os fundamentos essenciais à prática educativa. (MESQUIDA, 2011, p. 3969)

É preciso sim, redefinir o papel do pedagogo no ambiente escolar e deixar claro, para todos os segmentos, as funções pertinentes a este profissional e a importância do seu caráter formador. Quando, no contexto escolar, se criar a consciência da necessidade da formação em serviço através da mediação do pedagogo, estará se reduzindo, consideravelmente, diversos problemas que impedem o avanço da qualidade educativa como: indisciplina, violência, alienação, abandono escolar, desqualificação e não aprendizagem.

O pedagogo necessita buscar formação específica e assumir verdadeiramente seu papel de formador em serviço, ele é a ponte entre a prática pedagógica e a teoria científica (práxis). Dele dependem o aperfeiçoamento da prática educativa e o sucesso do ensino-aprendizagem. Se isso não ocorrer este profissional estará perdendo sua identidade e possibilitando que outros profissionais ocupem seu espaço e sua função.

Cabe ao pedagogo se posicionar e deixar bem claro a todos os profissionais qual é o seu papel e que objetivos pretende atingir no exercício profissional, sendo que o resultado sempre será a qualidade de ensino e a efetiva aprendizagem dos estudantes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANFOPE. Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação. Políticas Públicas de Formação dos Profissionais da Educação: Desafios para as Instituições de Ensino Superior. Documento Final do XII Encontro Nacional. Brasília – Distrito Federal, ago. 2004

AUGUSTO, Silvana. Os desafios do Coordenador Pedagógico. Nova Escola Gestão Escolar, Edição 192, Maio 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Brasília, 2013.

\_\_\_\_\_. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. 8ª ed. Brasília: 2013.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Curitiba. Caderno Pedagógico Subsídios à Organização do Trabalho Pedagógico nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. 2012.

\_\_\_\_\_. Decreto nº 762 de 3 de julho de 2001. Disponível em <http://www.leismunicipais.com.br>. Acesso em 24/07/2014.

FEIGES, Maria Madselva Ferreira. Educação, Pedagogos e Pedagogia – questões conceituais. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso em 10/05/2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2011.

GABARDO, Cleusa Valério. HAGEMEYER, Regina Cely C. Formação docente continuada na relação universidade e escola: construção de referências para uma análise a partir da experiência do PDE/PR. Educar, Curitiba, n. 37, p. 93-112, maio/ago. 2010. Editora UFPR.

GATTI, Bernadete A. Formação continuada de professores: A questão psicossocial. Cadernos de Pesquisa, nº 119, p. 191-204, julho/ 2003.

\_\_\_\_\_. Análise das políticas públicas para formação continuada no Brasil, na última década. Revista Brasileira de Educação, v. 13 nº 37, jan/abr 2008.

GIARETTON, Francielly Lamboia. SZYMANSKI, Maria Lidia Sica. Conceito Chave da práxis pedagógica. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. XI Educere, 2013.

HADDAD, Cristhyane Ramos. A hora atividade: Espaço de alienação ou de humanização do trabalho pedagógico? Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba. 2011.

KUENZER, Acácia Z. A escola desnuda: reflexões sobre a possibilidade de construir o ensino médio para os que vivem do trabalho. In: ZIBAS, D. M. L.; AGUIAR, M. A. De S.; BUENO, M. S. S. (orgs). O Ensino Médio e a Reforma da Educação Básica, Ed. Plano, 2002.

LIBÂNEO. José Carlos. Pedagogia e Pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 2004.

MESQUIDA, Peri. BRUNO, Cristina Rolim Chyzcy. FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira. O papel do pedagogo como mediador no processo ensino-aprendizagem: trabalho e crítica. In: X EDUCERE – PUC, novembro, 2011, Curitiba.

MENEZES, Maria Arlinda de Assis. Do método do caso ao case: a trajetória de uma ferramenta pedagógica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.35, nº1, p.129-143. 2009.

NEGRÃO, Eleane Jean. O pedagogo escolar: Limites e Possibilidades de sua profissionalidade no sistema de ensino público estadual do Paraná. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

PAVÃO, Gislaine Cristina; LEITE, Ivani Gonçalves. Considerações acerca da função do pedagogo na gestão escolar e na gestão educacional. Universidade Estadual de Maringá. V ENPED, novembro, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido. Questões sobre a organização do Trabalho na Escola. São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. O pedagogo na escola pública. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 1991.

PIRES, Ivanise Vitorino da Silva. BASTOS, Carmen Célia. A função do professor pedagogo no cotidiano da escola pública: Uma compreensão possível? UNIOESTE, 2003.

PLC-PROJETO DE LEI DA CÂMARA, Nº 196 de 2009. Disponível em <http://www.senado.gov.br>. Acesso em 11/03/2014.

SANTOS, Lucíola Licínio de Castro Paixão. OLIVEIRA, Nilza Helena de. O coordenador pedagógico no contexto de gestão democrática da escola. UFMG, 2007.

SCHNEIDER, Gabriela. Formação e atuação do profissional do Magistério (Pedagogo/Professor) na Rede Municipal de Ensino de Curitiba. Disponível em <http://www.puc.br/educere> 2006. Acesso em 20/07/2014.

SOARES, Kátia Cristina Dambiski. A formação continuada dos professores da escola pública. Revista Chão da Escola. Edição nº 6, Outubro, 2007.

TAQUES, Mariana F. O papel do pedagogo na gestão: Possibilidades de mediação do currículo. Secretaria de Estado da Educação do Paraná.

NORMAS da ABNT. Disponível em <http://monografias.brasilecola.com/regras-abnt>. Acesso em 15/05/2014.

UNIFEBE – Centro Universitário de Brusque. Manual de orientações metodológicas. Agosto, 2011. Disponível em <http://www.unifebe.edu.br>. Acesso em 15/05/2014.